TERÇA-FEIRA, 14 DE DEZEMBRO DE 1915

N.º 245. 5.—(367) 7.º ANNO

Propriedade da empreza d'O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO

Redacção, administração e typographia
Rua do Poço dos Negros, 81

SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARMANDO FERREIRA

Comp. e imp. nas *Officinas Graficas*
Rua do Poço dos Negros, 81

Coleção de bichos portuguezes

VII

Camaleão da Cunha e Costa

(Muda de opinião como muda de camisa)

Politica pacifica—Uma sessão sem discursos—As conferencias—A verborreia nacional—Paz e amôr—Os francezes em Lisboa—As salvas—A nossa representação presidencial—Cumprimentos oficiaes—Lerias.

Paz na politica. A bem aventurança dos póvos reside inevitavelmente na auzencia de paixões sobreexcitadas de baixa intriga politica. A semana que findou, decorreu serenamente; constituido ministerio, todos se desinteressaram da *grande porca* nacional e se lançaram ao trabalho com afinco e fé. E nós puzemo-nos a pensar que ditoso paiz seria este, dada as suas condições boas, as suas riquezas naturais, os dotes e qualidades excelsas dos habitantes, se pelo menos na semana, 7 dias se desinteressassem da politica.

Nada de sôros, nada de odios, nada de polourolentas questões. A vida seguia normalmente, ir-se-hia aos teatros, aos divertimentos, ir-se-hia para os empregos, para o trabalho bem com o espirito e com o similhante, sem pavôres, nem rancores, nem sustos, nem odios.

Esta semana foi o que sucedeu. Ninguem se importou mais com a politica.

Como ainda náda tivessem feito do *programa monstro* prometido e consequentemente nada de asneiras tivesse ainda tombado sobre o paiz, a multidão deixou-os em paz e, divertiu-se. O proprio parlamento foi duma *pacifiquez* estupenda. Calculem os leitores que fenomeno na vida politica portugueza, o passar se um dia em que na capoeira de S. Bento, pae da patria algum, fizesse o seu discurso. Foi o que sucedeu ha dias. Uma sessão sem tropos, sem discursos, sem verborreia; uma sessão pacata, de trazer por casa, unica nos anaes parlamentares em que a fluencia palavroria vae tão bem com os papagaios desrabados que representam o *soberano povo* por meio de qualquer falcatrua eleiçoeira.

Mas se não se discutiu, nem palavrou pelo casarão de S. Bento, a vida portugueza, vivendo de *palavras* muitas palavras sempre, não perdeu contudo com esse rude golpe. Houve palavras em barda por outros sitios de não menos consideração e respeito.

Foram a 3.ª e 4.ª conferencias patrioticas feitas á marinha por João de Barros e Mayer Garção, proseguimento duma iniciativa recente do chefe da divisão naval.

O portuguez para viver precisa *palavras*, muito palavrorio, discursos, tropos que lhe atafulhem as ideias.

Os comicios foram uma grande alavanca para o derrube da monarquia. O parlamento é o classico palacio da verborreia nacional; ali se tem perdido 99°|₀ das energias portuguezas, que tem passado o seu tempo a atirar palavas ao vento em vez de cavar bellas batatas, de semear, de impulsionar industrias, ou arrojar iniciativas. A conferencia, a sessão solemne, são pratos do agrado publico. Ha pouco, nesta ordem de ideias, creou-se um curso de *conferencias navaes*, aos marinheiros, sobre assuntos patrioticos e alevantados

Aos bravos marinheiros fala-se-lhes de Sagres, do Adamastor, fala-se-lhes da Patria, da Historia e do Mar.

Cobrem-se os bravos da armada, duma chuva de palavras que os empolga e admira, que os encoraja e perplexiona.

Depois, a oficialidade bebe champagne, come alguns dôces dá por bem empregadas algumas horas da tarde.

A' 3.ª conferencia, de João de Barros, assistiu o sr. Presidente da Republica.

Salvas, honras do estilo, cumprimentos, manifestações de jubilo e cordeaes apertos de mão.

Tudo é paz, amôr e serenidade. Houve discursos fluentes alem da conferencia. Ma s palavras, o sustento das multidões.

A essa mesma hora passaram por Lisboa intrepidos combatentes francezes, de ida para Dakar depois de um ano de trincheira. Lisboa aplaudiu-os, estava de alma ao seu lado; sorria lhes nas ruas, colocava-se á sua disposição para lhes mostrar a cidade. Vinham da guerra, eram os lutadores pela causa sagrada do Progresso e da Civilisação. Não sabemos se teriam ouvido as salvas do estilo pela chegada do Presidente da Republica a bordo do navio chefe da esquadra... portugueza. Se ouviram e algum *cicerone* lhes explicou a causa dos estrondos belicos, haviam de ter sorrido, a pensar, no seu espirito gaulez, que muito ditoso deve ser um povo que anda em gaudio, conferencias e taças de champagne, emquanto a vida é cara, se luta de morte pela causa da Liberdade e o luto é o fundo negro do tempo que passa.

De resto o sr. Presidente da Republica, tem sabido cumprir o seu logar de representação interior e exterior. Ou, já que não pode ir viajar a uma côrte estrangeira, mostra a sua representação exterior... exteriorizando o seu jubilo interior. Isto é; no seu cargo oficial ninguem como o atual presidente da republica era um melhor chefe de estado, um mais simpatico *rei*... com côrte, e sem soberania autocratica.

Apenas aquele gôsto da nobreza, que vem do porte e da linhagem.

Por um instinto que vem da monarquia, aos domingos e outros dias determinados, Sua Excelencia recebe no historico palacio de Belem, entidades oficiaes que o cumprimentam. Um dia a magistratura, outro dia a oficialidade, mais outro o *professorado*. Ele sorri, diz o seu pequeno discurso de agradecimento, aperta cordeal e efuzivamente as mãos e agradece aquela expontanea prova de consideração, mercê do *oficiosinho* que *convida* todas essas entidades para a praxe realesca.

Em suma, do mal o menos.

Emquanto o povo sem pagar mais impostos nem contribuições, se intrega no intervalo dos crimes banaes de tiros e facadas a deitar contas ao bacalhau a 460 e aos óvos a 360, os representantes maiores da sociedade portugueza vão-se consumindo em palavras, discursos, paleio, conferencias.

Fala-se muito, obra-se pouco. E isto que para os outros paizes mais praticos seria uma cauza de angustia é para nós um bem. Os actos cá em geral são maus; ao menos fazem-se nenhuns actos e fala-se mais

E o pôvo que não conhece o shakesperiano «words, wordes,» murmura apenas no seu encolher de ombros negligente e classico, que esta semana foi uma semana de «lerias... lerias...»

Fulano de Tal.

Bilhetes postaes insolentes

Meu caro sr. João da Rua.

Sentiu-se vossa eminencia molestado com uma carapuça que eu atirei ao ar. Não era para si confesso-o, mas parece-lhe que lhe coube e o amigo tratou de defender-se. Por um triz me não enviou as suas testemunhas, no que perdia o seu tempo porque eu só me bato... com as mulheres. Mas, repito, a carapuça não era para você, era para o outro, aquele, o tal, que vegeta por ahi e escrevinha em toda a parte furibundas criticas d'arte... para baixo. Oxalá todos fizessem como você, fossem leaes nos combates e sinceros nas aspirações.

Punhamos ponto no incidente, tire a carapuça que não lhe serve, e aperte estes ossos.

E aqui está como você não fazendo peças, ia fazendo um drama*!...*

Seu desconhecido

João Platão.

Ao microscopio

Voltamos hoje, de novo, ao instrumento, para continuar a examinar algumas bichesas infinitamente pequenas que se agitam na sociedade portuguesa.

—O celebre chinez, que dá pelo nome de «Andrade» lá continúa a pontificar com a sua sanha democratica, repassada da mais alvar e supina ignorancia.

Outro dia, atreveu-se a afirmar que o mal da nossa situação não era dos politicos, mas... do que o animalejo chama *preconceitos universitarios!* O dr. Daniel de Mattos, não se podendo dominar, perante tal baboseira, deu-lhe umas valentes chibatadas nas ancas. O mais bonito do caso é o que o chinez Andrade ainda ousou levantar as patas traseiras para escoucear alguem que se divertia com a zurzidela que apanhou...

—O *Clyster* Franco, um choramingas cemiterial que, ao mesmo tempo é pinta-monos, acolheu, no seu pasquim um *asinus* «Argarvio» que chamava «neo-arqueologos» ás distintas individualidades que fundaram o Instituto de Faro.

Antes ser «neo-arqueologo» do que «arqueo-tranpolineiro...

—O Afonso Costa vae reduzir a patacos a estatua de prata para equilibrar o orçamento.

Bacteriologista.

Epitaphio

Aqui jaz um «valentão»
que andava sempre na «berra»,
a gritar contra a Alemanha.
Morreu duma congestão,
ao saber que ia p'ra guerra,
e morria na campanha!

Em defesa dos artistas

Ver no proximo numero, artigo interesssnte de *João da Rua.*

OH!... VEM!...

Descerra os labios teus, mimosa creatura,
a quem a mãe Natura acalentou risonha,
deixa-me ouvir o som da tua voz tão pura
quão rude a desventura a quem não dorme e sonha!

Descerra os labios teus e desce lá da altura,
do éter que depura a baixa Desvergonha,
a desferir, do Amor, a nota da Amargura,
a nota em que a tortura em vibrações se imponha!

E logo que o teu ser, ao meu entrelaçado,
quasi estiver quebrado, ao peso da má Sorte,
á força do Pezar que o haja subjugado...

Descerra os labios teus, e vem, perdido o Norte,
na compressão mais forte a que o prazer é dado,
pousal-os sobre os meus, buscando e dando a Morte!

Candido Torrezão (K K. To).

Ecos da semana

Braz Burity, tambem conhecido por Joaquim Madureira, ex-candidato unionista a um logar de legislador e sincero *amigo do Brazil, acaba de lançar no mercado um panfleto de critica politica e social intitulado «Os Burros». Ao que me dizem, os «Burros» são habilmente descritos pelo sr. Madureira que, de chicote em punho, pretende intimidá-los...*

Conseguirá o seu objectivo, empregando um arremêdo de linguagem á... Gátos *e* Barbear, Pentear?

Duvido!

Só presinto que se Fialho de Almeida, o Grande, fosse do numero dos vivos, certamente exclamaria:

«— Eh amigo! Cessa lá a eloquencia que para sêres como eu, ainda te falta muito cáco...»

*

* *

O sr. Alexandre Morgado, no «Seculo» de ante-ontem, passa ao alfacinha pretencioso um atestado de pouco asseiado. — Que o motivo das nossas ruas estarem sempre sujas se deve ao facto de lançarmos tudo para as vias publicas, crentes de que as posturas nunca nos hão-de incomodar.

E' assim mesmo!

Ainda não ha muitos dias que o cronista, seguindo despreocupadamente por uma arteria importante da capital ás 10 da noite, têve a sensação desagradavel de sêr atingido por um mixto esverdeádo. Da janela d'um 3.° ou 4.° andar alguma donzela fudibunda, não tendo em que se entretêr, lançára pela janela fóra o conteudo de qualquer vaso, sem se lembrar que o meu sobretudo estáva pâgo e que as pedras da rua não precisávam d'aquelas lavagens.

Protestar? Fazêr barulho? Para quê? Suponham que a fudibunda donzela era prima d'alguma entidáde oficial. A justiça faria as coisas de tal modo que eu, depois de ser depreciádo pelo tal mixto esverdeado teria de... pagar as custas e sêlos do processo!?

....

....

....

....

Lisboa a bela!

Lisboa... o imenso caixote do lixo!...

*

* *

A moda é nova, mas péga...

No Club dos Restauradores, agremiação alegre e despida... de toleimas, foi posto em vigor a canção da meia noite.

Trata-se do comentario ligeiro aos acontecimentos da semana, dito por um qualquer artista.

Durante e no final das canções ha sempre lagosta, champagne e outros comestiveis e bebestiveis identicos, salteados com cocótes de recheio.

Resumindo: Lisboa vae progredindo sob o aspecto imoral, com grande magua e espanto dos velhotes comedidos e alegria dos bohemios incorrigiveis.

— E assim se vae vivendo...

O homem que ri.

O pão nosso... da semana

Secção amarga

Dizem uns que estão abertas
essas casas de *rolêta*,
dizem outros que isso é *pêta*,
pois se encontram já desertas.

Dizem uns, embora custe,
que não se joga em Lisboa,
dizem outros que isso é *lôa*,
pois se joga, com embuste.

Dizem uns que o *grande Marte*
tem *as casas* sempre em *mira*,
dizem outros que é mentira,
pois se joga em toda a parte.

Dizem uns que o jogo vai
ser já *regulamentado*,
dizem outros que é escusado,
nessa, o governo, não cai.

O jogo afinal tem *picos*,
e ninguem quer ter rasão,
todos jogam, na questão,
com *um pau* que tem *dois bicos!*

Vid'alegre

Actor Telmo Larcher

A caminho da grande viagem, d'onde ainda ninguem jamais voltou, lá vae mais um actor, um artista de valor, que durante tantos annos e numa galeria enorme, marcou a sua individualidade, que popularidade soube vincular nas multidões que com elle riam, quando interpretava em verdadeiras creações, notaveis tipos na alta comedia, na farça burlesca aonde era um artista.

Morreu ainda novo e quando tanto havia a esperar do seu valor artistico. Pobre Telmo, bohemio porque era artista lá de dentro, viveu como morreu, um homem honrado.

Delle muito falou a imprensa da grande circulação; *O Zé* lamenta a perda d'um artista como o pobre Telmo, o querido actor que o publico queria com idolatria!

Que descance em paz.

Em paz!... como o grande Herculano no seu *imortal Eurico* diremos tambem:

«Haverá paz no tumulo? Deus sabe o destino de cada homem. Para o que ali repousa sei eu que ha na terra o esquecimento!

Medina de Sousa

Distincta actriz do theatro da Trindade

"Contos a vapor,,

Hemorroidal

Ha muitos anos que eu não via o Burguete. Conheci-o no colegio de S. Fiel onde elle com o seu terrivel humorismo fazia arreliar a padralhada que se não fartava de lhe aplicar, em series de 12, com uma menina de cinco olhos, umas delicadas pancadinhas nas mãos que chegavam a produzir uma especie de formigueiro pouco agradavel.

A'quellas pancadinhas davam elles o nome de *bóls*. Eu tambem provei d'esses bolos femeninos e d'uma vez comi tantos que estive oito dias sem poder escrever á familia, com uma indisgestão nos dedos.

Pois outro dia encontrei o Burguete de cabeça no ar, assobiando a Sementeira e trazendo-lhe a farejar as canellas uma cadela tipo dama de companhia. Estava completamente equipado com a albarda de caçador. Quando me viu correu direito a mim e deu me um abraço tão afavel que me arrancou dois botões do colete. Grande Bruto! Sempre o conheci assim, graças ao demonio.

Depois dos cumprimentos do estilo o Burguete gesticulando desalmadamente, contou-me nestes termos as peripecias da sua ultima caçada:

— Imagina tu que me perdi dos meus companheiros de caça. Isto foi ontem, a umas cincos horas de caminho do nosso acampamento. Era já sol-posto e não havia meio de me orientar. Deixei-me, por fim, guiar pela cadela e a certa altura era já noite cerrada, diz-me a perdigueira: — Debaixo d'aquela arcada dormia-se a noite bem.

(*Continua*)

Os Burros

Ahi temos em folhas quinzenaes, pedaços d'alma dum artista, Braz Burity, por ser um intelectual de talento, confirmado em paginas de indiscutivel merecimento, aonde se divisam bastas rajadas de genio, é um escorraçado, entre esta gentalha que transformou a patria numa gamela Nacional,

«**Os Burros**,» é o titulo do novo e vigoroso pamfeleto que vae ser a alma da alma do critico brilhante que é Braz Burity, sombra negra dos burros que á redia solta, por ahi escoiceiam o talento, o saber, o valor e a propria dignidade.

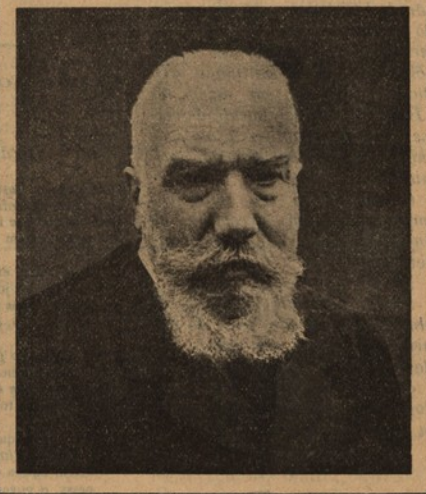
Leiam todos quantos ler saibam, a sua pagina extraordinaria, sobre a porcaria ignobil do ultimo concurso na... Escola de Bellas Artes e digam, lá de dentro, do fundo da sua alma, se alí não está um naco da fibra suprema d'um artista e literato do igido talento de Braz Burity, aquem **João da Rua** abraça e deseja longa vida aos **Burros**!

A Guerra Europeia

Nem tudo é mau para os aliados. Emquanto o telegrafo enche os menos confiantes de temôr e duvida sobre o final desta horrenda carnificina, vão por outro lado sendo postos a descoberto factos que revigoram a fé e a convicção da vitoria final da causa da civilisação.

Hoje por exemplo, dados numericos, apresentam-nos um esforço persistente da Inglaterra no aumento da sua grande esquadra.

Ainda alguns leitores, perguntarão: onde está e para que serve essa grande esquadra? E contudo, é preciso ter-se vivido na ideia fixa dum duelo de grandes unidades navaes, para se fazer tão descabida pergunta. A armada ingleza está em toda a parte, esta é a grande verdade. Dos Dardanelos, a Salonica, bombardeando Dedeagatch, cruzando o Mediterraneo, bombardeando o litoral belga, fechando o Baltico, protegendo transportes de tropas, apesar da ação violenta dos submarinos alemães. Por toda a parte em que tem tido ocasião de figurar frente a frente com a esquadra alemã, a que se não refugiára a tempo na toca de *Kiel*, e do Baltico, mostrou a sua grande superioridade de forma bem definida. E, o comercio inglez e francez, livre atravez todos os mares, apesar da ameaça covarde dos submarinos teutonicos, por outro lado demonstram que a superioridade naval da Inglaterra é ainda e felizmente manifesta.

Sir Francis Elliot, ministro da Inglaterra, em Athenas

M. Derrys Cochin, enviado extraordinario da França na Grécia

Mas, ainda ha mais. A Inglaterra no silencio do seu grande esforço patriotico, que faz criar fabricas de munições por todo o seu paiz, não desmoreceu durante a longa luta sustentada, da produção das suas grandes unidades, que alguns reputam... desnecessarias. Ora esse progresso, esse aumento durante estes 17 mezes, é um interessante facto demonstrativo da sua força poderosa no mar.

«Pode hoje apresentar-se factos e numeros que devem cauzar prazer e entuziasmo na alma de todos os patriotas e que explicam suficientemente o motivo porque a Alemanha é tão cuidadosa em esconder a sua esquadra. Segundo informação oficial sabe-se agora que os cruzadores *Queen Elizabeth*, o *Warspite* e o *Tiger* tem estado em serviço ativo desde o começo da guerra, bem como o *Agincourt* e o *Erin*, lançado á agua em agosto de 1914 e o *Canadá* recentemente completado com armamento.

Assim pois, a grande esquadra ingleza foi augmentada com estes 6 cruzadores no principio do conflito, devendo ainda acrescentar-se que nessa epoca a construção de outros 10 estava já bastante adeantada.

O que foi feito deles?

O *Imperor of India* e o *Benbow* do mesmo tipo que o *Iron Duke* foram principiados a construir em maio de 1912, mas uma gréve só o deixou terminar em 1914, visto a construção dum *Super-Dreadnought* ser mais demorada que a de um cruzador.

E adotando um termo medio de 14 mezes para o seu acabamento pode se chegar ao seguinte resultado:

	Começado	Acabado
Barham	— Feveiro 1913	— Fev. 1915
Valant	— Janeiro 1913	— Jan. 1915
Malava	— Julho 1913	— Julho 1915
Royal Sovereign	— Janeiro 1914	— Junho 1916
Revenge	— Dez. 1913	— Dez. 1915
Resolution	— Nov. 1913	— Nov. 1915
Ramilies	— Nov. 1913	— Nov. 1915

Um acampamento inglez em Lembed

Um oitavo *super-dreadnougth* o *Royal Oak* estava ainda em construção em Devonport em Janeiro de 1914 e que a lista dos vasos de guerra prontos em Janeiro de 1915 aponta.

Mas os projetos para o aumento da marinha ingleza ainda não terminaram e apresentam-nos mais quatro cruzadores que faziam parte do programa naval publicado mezes antes da guerra. Eram eles o *Agincourt*, o *Resistance*, *Renown*, e *Repulse*.

A construção de outros vasos de guerra como monitores e submarinos, que tantos feitos tem operado, egualmente mereceram a atenção do governo inglez que não descança um momento para salvaguardar os interesses e a defeza do seu paiz.

A inglaterra pois, em todos os tempos, e principalmente agora, trabalha para que a sua marinha fosse poderosa, invencivel e inegualavel.

A Alemanha para fazer frente aos seus rivaes, gastou na construção da sua esquadra 300 milhões de libras, um estravio de dinheiro que em nada tem aproveitado, nem para o seu *abastecimento* nem para a sua campanha.

Guarda-a escondidamente nos seus grandes portos ao abrigo da ação dos inimigos, fugindo dos combates; e mandando apenas os seus *submarinos* procurarem pelo pavôr, pela luta odienta e desleal, aniquilar a Inglaterra e a França.

E é esta pois a situação geral de luta no campo maritimo. E' um alivio para todos os bons aliadofilos constar o esforço britanico; e tanto mais essa bôa disposição deve transparecer, mais quantas jornadas pessimistas e dificeis surgem por outro lado para eles.

Na semana finda, as variações das frentes da França e Russia são quasi nulas, permanecem estacionarias, mesmo a frente russa onde se tem dado combates de alternadas vantagens mas bem localizadas para que se destaquem no conjunto das operações daquela frente.

As operações em foco continuam a ser as dos Balkans, agregada agora com as da Mesopotamia.

Anuncia-se tambem uma nova ofensiva contra o Egipto, uma segunda invazão atravez o Canal de Suez.

A primeira invazão do Egypto, abortou como os leitores se recordam, tendo os turcos sido repelidos pelos inglezes, e destroçados ali, nessa picaresca aventura.

Infantaria franceza em marcha em Salonica

Desta vez, são os alemães que fornecem o melhor material, grosso calibre, oficiaes, e talvez soldados.

Essa expedição, se se efetuar com triunfos — o que duvidamos — irá afectar ainda mais os aliados, podendo se dizer que, na realidade, os imperios centraes levam a melhor nos confis da Europa. De facto dia a dia o acidente europeu estálhe sob as garras, ou dominado, ou aliado.

A' parte a Roumania mantendo-se neutral e a Grecia, toda uma faxa de Berlim á Persia, á Azia Menor, é posse dos inimigos da Inglaterra. E, é perante esta momentanea superioridade, impossivel de manter pela logica de factos, da razão e dos numeros, que a Alemanha fala, discute como e quando deve ser a paz,

Mais do que nunca esta semana se falou em paz: a ideia vem principalmente de Berlim, do proprio Reichtagh. Agora é que é ocasião de fazer a paz, para a Alemanha.

Triunfando luzoiriamente em quasi todos os campos, era a forma de ficar de pé, de a ditar e humilhar os seus rivaes.

Mas os aliados não se deixarão embalar.

O seu pensamento é um. Em França, os mais eminentes homens publicos repudiam a paz enquanto a Belgica e a Servia jázem sob o jugo invazor. Na Inglaterra a imprensa, a opinião, o governo só tem um fito: a luta até ao fim.

E esse fim *tem* de ser o aniquilamento do teutonismo militar, a ameaça da guerra eternamente a pairar no ambiente internacional.

A futura paz de Bruxelas, ainda está longe. Hão de dita-la os aliados, quando a Alemanha, não a lembrar mas a pedir subjugada.

Ora esses factos não se dão ainda; os aliados tem de se elevar, tem de ganhar o que os seus revezes diplomaticos e militares os tem enfraquecido; não é na perspetiva de uma evacuação forçada de Salonica que os aliados falarão em paz.

Pelo contrario; a luta tem de redobrar e ha-de redobrar. Em Salonica por exemplo quotidianamente desembarcam tropas. Esses contingentes que dia a dia vão aumentar as flebeis linhas do Oriente, de encontro ás quaes os bulgaros e os alemães se esforçam energicamente, devem atingir já uns 150 mil homens. E' o que resta nos Balkans da ação aliada á parte os refugiados servios no Montenegro denodadamente defendendo-se ainda dos austriacos. Por outro lado uma atividade grande no Adriatico, de submarinos austriacos e alemães, mostram o receio e as intensões, contra os 50 mil homens que a Italia, consta, irá desembarcar na Albania, para iniciar então talvez uma nova faze de operações, conjuntamente com as forças russas acumuladas junto da Roumania.

E a este proposito, as noticias mais recentes dão como

Refugiados servios esperando um comboio

satisfatorias as *demarches* um tanto mais energicas feitas pelos aliados ao governo grego, estando afastado o «perigo grego» e desembaraçado os movimentos aliados em torno de Salonica..

Se na realidade, o governo helenico, transigiu em não atraiçoar os aliados, estes farão sem duvida de Salonica um reduto ultimo de defeza, e uma baze vital para futuras operações de ofensiva. Tudo menos deixar Salonica exclama o habil general *Lacroix*, examinando o teatro de operações dos Balkans. O esforço, seja qual fôr, produzido para a manutenção daquela cidade ha-de ser sempre de menores dificuldades que os que os aliados passariam abandonando e, voltando ás suas bases de guerra.

Entende ele que se não deve sonhar sequer em deixar aquele porto, «porque as consequencias moraes politicas e militares desse abandono seriam infinitivamente mais desastrosas para os aliados de que todos os esforços e sacrificios que eles façam para se organizarem em Salonica e aí constituirem uma base ofensiva que lhes permita repararem as faltas cometidas no Oriente, impedirem a Alemanha de colher os proveitos de toda a especie que ela espera de uma junção permanente com a Turquia, proveitos que lhe dariam certamente a possibilidade de prolongar a luta sobre as diferentes frentes quer a «oeste» como ao «sul» e a «leste».

Fulano de Tal.

Crítica de factos...

A sociedade é ingrata egoista, ambiciosa. Se comete um acto generoso, altruista, em seguida comete seis actos maus. Se dá com a mão direita, tira com a esquerda. Se generosamente mantem casas de beneficencia, assistencia, escolas, etc, por outro lado explora os trabalhadores. Faz o bem, depois de ter feito mal.

Uma costureira esfalfou-se num trabalho insano; ganhou seis e produziu vinte.

Caiu num hospital mantido pela sociedade benemerita. Afinal essa sociedade benemerita explora centenas de costureiras, enriquecendo á custa delas. Quase todas teem o triste fim — o hospital e se escapam ao fatal destino de uma morte prematura, vão passar a velhice nem asilo mantido com o dinheiro que elas e outros proletarios ganharam com o seu trabalho.

Por outro lado os exploradores, quando baixam a sepultura, certa imprensa eleva-os ás nuvens com *cheiro a santidade*.

A verdade é que esses exploradores do trabalho, sempre foram uns hipocritas, uns mentirosos, uns .. A hipocresia sempre foi uma certa homenagem que o vicio rende á virtude.

O Anastacio, fazendo me estas considerações, acrescentou:

— «Mas mentir, parece que é a profissão do homum politico e do homem particular».

Os politicos no nosso pais, levaram um periodo de 80 anos a mentir ao povo, ao pais e á propria consciencia,

Mas a mentira sob todos os pontos de vista, não é sómente enunciar uma falsidade que póde prejudicar uma pessoa ou um pais; é ainda calar de caso pensado uma verdade que tiraria ilusões e por conseguinte poria a claro situações dubias, deixando vêr claro nos pontos onde hajam sombras.

*

Desde 5 de outubro que as festas escolaros teem-se multiplicado.

Temos visto por ai as crianças a dois de fundo, em marcha gráve, a cantar a Portuguesa, a Maria da Fonte, a Sementeira, etc. Um dilirio! Um tom festivo vibra no espaço, que dá alegria e satisfação ao ver esses pequenos entes já a cantar e quem sabe? talvez não saibam soletrar!

Contraste singularmente o aspecto festivo que essas crianças patenteiam com o de out'ras desgraçadas que por ai andam descalças, rotas, famintas, ao abandono!

Infelismente, para se ter protecção dos benemeritos, que organizam festas e sustentam as cantinas escolares, são precizos empenhos.

Podemos afirmar sem receio de desmentido, que em Lisboa, apesar da muita protecção que teem dado ás crianças, existem muitos milhares delas que não teem protecção alguma.

Ha para ai crianças em absoluto ao abandono, que nunca tiveram quem as acarinhasse e muitos menos quem delas tomar-se conta.

Andam por ai a esgravatar nos caixotes do lixo e a *moinar*. São as primeiras praticas na escola da rua, desenvolve-lhes os instintos de rapina.

Jean Jacques

Sylphe!

Uma linha esquisita, um fumo, um nada,
uma gota de orvalho, a nuvem leve;
um sopro, ou do relampago a luz breve,
um gemido, um segundo! Eis comparada

Essa fina mulher, seca e delgada,
que ao proprio vento comparar se deve!
a Sylphe vaporosa onde se eleve
a graça e arte, o riso, de uma fada.

Ergue-se em rendas, vaporosas, finas,
como um sonho, em ondas de prazer
n'um rythmo ideal de crystalinas
na sensação de dansas perigrinas,
onde nos surge em sombras de mulher!

No Salão Foz em 17 do corrente.

André.

Charadas

Soluções do numero passado: **Cruzador — Ribatejo — Metafisica — Polichinelo — Almada-Alda — Calhas-Casilhas — Bem saber é calar até ser tempo de falar — Cabinda — Pequeno machado parte grande carvalho — Anda hoje a roda.**

Decifradores

Œdipo.

Charadas em frase

Na agua deste rio da Italia afogou-se um sujeito elegante. - 2 - 1.

A NAPUS LEO

Oscula o liris e o cogumelo e agarra a ave. — 2 — 1 — 4.

Sabes o que está de sentinela ao rebanho?

E' o armario. — 3 - 2

Œdipo.

Aqui na musica, a Egreja não fala — 1 — 1 — 1.

São dois, na musica, desta côr — 1 — 1

Caracol.

A mulher sem desfeito tem subterfugio. - 2 — 1.

Vid'Alegre.

Sincopada

3 — Quem seria que me fugiu com a veste? Ah! Já sei foi o animal — 2

Dupla

Oh! que pombo tão brejeiro. — 4.

Œdipo.

Electrica

E' brinco ou vestido? — 3

Vid'Alegre.

Por iniciaes

O	F	D	P	E	N	P
1	3	1	2	2	1	1

Q	O	A	V	N	P	O	D
1	1	3	2	1	2	1	2

Napus Leo.

Recebemos e agradecemos

O Espelho — N.º 15 — Desta bela ilustração portuguesa, recebemos o ultimo numero. Como todos é uma maravilha de gravuras, em especial as centraes «Nas montanhas do Trentino» e ataque dum aeroplano inglez a um automovel alemão» e a de *Jofre* e *Lord Kitchner*, fóra as desenas de outras da guerra interessantissimas.

O Espelho avulso custa *10 cent.* aparece quinzenalmente e aceitam-se assinaturas na nossa redação.

E' o melhor *magazine* ilustrado, em lingua portuguesa, rivalisando com tudo que ha de bom no extrangeiro.

Em defesa dos artistas

I

Por esse mundo além onde o cultivo do espirito e do sentimento é alguma coisa de sagrado para os seus povos, a civilisação tão indispensavel que elles reconhecem que nem só de pão o homem vive, o artista, aquelle que tão nobre classificado merece, é alguem na craveira social.

Alguem, porque em todos os paizes da Europa sabia o artista que o é do coração e por sentimento, é só artista e como tal se orgulha de viver exclusivamente para o culto do sentimento.

Em Portugal, onde tudo e todos são diferentes, na educação, nos meritos, no temperamento e até no caracter, o artista é politico, é publicista, e até jornalista. Que admirar pois, desta desordem em que vivemos e transformou o paiz neste arraial onde ninguem já se entende?

Com a veloz marcha do progresso, na sua infinita caminhada atravez os tempos, tudo é admissivel e todos os dias, nos surgem artistas, em especial no moribundo theatro que tem tanto cultivador, pois ser actor, é coisa de bem pouca monta apezar, da chamada Escola d'Arte de Representar e da moderna Repartição d'Arte, no Ministerio da.. Instrução, em paiz de analfabetos e que subordina toda a sua rasão de ser, na acção social dum espertalhão pastor que é o *imperador super onmia* na velha patria de Camões.

Temos de ir muito longe, o problema é complexo, algo interessante, ao tratar d'elle, tão somente queremos provar o atraso bem inconfundivel em que vivemos n'este paiz de sabios, de notabilissimos intelectuaes em materia d'arte. Por hoje, damos ao leitor, a opinião abalisada d'um distinto artista, rapaz muito illustrado, viajado e com uma galeria brilhante no theatro. Vejamos:

O theatro por sessões é o genero a que poderemos chamar: *tumulo dos artistas*.

Mas que fazer? Morrer não ha outro remedio, a não serque outro poder mais alto se levante! Uma lei, por exemplo, semelhante á da protetora dos animaes que prohiba, não digo já os espectaculos por sessões, mas que os artistas repitam a mesma peça n'uma noite quando o seu trabalho seja de marca estenuante como ás veses por ahi vemos desalmadamente, a envolvel-os pela tuberculose obrigando-os a tournées forçadas á serra da Estrella ou dolorosamente aos montes brancos da linda Suissa!

Os elencos poderiam ter dois turnos, representar até duas peças differentes na mesma noite, o que seria interessante. Bradarão as empresas que as companhias lhes ficariam carissimas, mas certamente a differença lhe entraria na bilheteira com a variante do espetaculo e quantos da 1.ª sessão não ficariam para a 2.ª? E os exitos seriam taes que a publico teria de se prevenir com muito antecedencia como succedeu com a revista *O' da guarda* que se marcavam logares com oito dias de antecedencia, ou já nos tempos avoengos quando vinham carrinholas atabulhadas de gentes das provincias para vêr no Theatro de D. Maria *«O Templo de Salomão*, dormindo nas traquitanas tres e quatro noites á espera de conseguir umas localidades para o famoso dramalhão!

Parece nos tambem, n'esta ordem de ideias em *soccorro* pelos nossos artistas, que mercê do seu natural abandono por si proprios, pela falta de solidariedade, deixando derruir a sua bem organisada Associação de Classe, que lhes custou tantos sacrificios e que de muito lhes serviu para as suas reivindicações sendo humano e de justiça salientar a acção energica e altamente talentosa com que o illustre actor Antonio Pinheiro elevou a emancipação dos seus collegas com graves prejuisos do seu eu, lembrar-nos aos srs. governantes e aos illustres homens de letras que *ajuisem* o Estado dentro do Estado do nosso theatro de declamação, a situação dos nossos comediantes de cathegoria.

Os elencos perderam a homogeneidade, são dificientes os conjunctos — as peças soffrem e os seus interpretes egualmente. Qualquer dia pela mesquinhez dos ordenados veremos todos os bons actores dramaticos a cultivar o genero americano, onde os honorarios são mais bem compensados á vida do artista hoje.

E então veremos no nosso primeiro theatro, o quê?

As peças de Marcellino Mesquita, Dantas e Augusto de Castro, ineterpretadas pelos Côrte Reaes!? Não; é preciso encarar com criterio a situação do artista portuguez, definil-a, collocar o comediante nacional á altura dos seus meritos—porque nós temos uma grande e distincta pleide de bons artistas; são muitos por esses theatros a dentro com todas as feições, optimas mascaras, temperamentos, em alguns, atrofiados por não trabalharem no genero em que poderiam melhor revelar as suas faculdades.

O Alexandre d'Azevedo é um brilhantissimo galan dramatico e anda furagido lá pelos Brasis; o Amarante é um excellente galan comico de comedia e anda a cantar o faduncho nas revistas. A Adelia Pereira é já hoje uma bella actriz dramatica e está sem escritura, o Carlos Leal que no Apollo em mais de uma peça se revelou um grande actor dramatico, tambem anda aos pinotes porque lhe pagam melhor. Amelia Pereira que devia hoje marcar um logar distincto em qualquer companhia dramatica, arrasta-se no couplet, o Bravo que é um rapaz cheio de aptidões para a rabula de opereta, pavonea-se em *gran tenue* pelo palco do Nacional, a Ausenda que com a sua linda silhuete poderia emoldurar graciosamente o brilho d'um perfumado quadro de Alta Comedia, esforça-se na Princeza Nathalia e assim sucessivamente n'esta orgia de caminhos errados!

Já vê o notavel jornalista, que no *Seculo* da noite tem procurado defender os artistas, batendo no talento do sr. André Brun que, problemas de maior vulto temos a tratar que lançar mão d'umas lérias que o sr. Brun disse na *Capital* e nunca ofender podiam aquelles que são artistas.

Fallaremos ..

João da Rua.

Em defesa dos artistas

Ver no proximo numero, artigo interessante de *João da Rua.*

KODAK THEATRAL

A Viagem de Suzete, opereta de grande espetaculo, tradução de Pedro Cabral.

Da nova geração, poucos são os que decerto, se recordam do successo ruidoso que teve *A Viagem de Suzete*, quando Cinira Polonio,no velho theatro Avenida, tinha o ceptro de rainha na opereta e era, a querida do publico nos saudosos tempos do bom theatro com primorosos artistas no genero. Então, não estavamos tão ricos na sceneografia, na endumentaria. Atingimos nos ultimos tempos, o Zenith da beleza na arte e inveja não temos dos progresso sem qualquer paiz. Lá não teem melhor! *A Viagem de Suzete* que hojenos apresenta o sr. Ruas do Apollo, é um primor d'arte o scenario, soberbo em todos os detalhes. Um bravo aos notaveis artistas honra do seu paiz.

Na endumentaria, mais uma vez brilhou Castello Branco que, é o nosso costumier distinto, estudioso e sabedor do seu metier.

Assim é que se monta em theatros uma peça e muito lucra o sr. Luiz Ruas.

A peça em si, nada tem de valor dentro da literatura; é um enredo vulgar, muito aparatoso, com protagonistas usados e conhecidos em peças inumeras. A sua adoptação para espetaculos a sessões, demanda dum esforço grande, cuidado e trabalhoso.

Pedro Cabral foi correto e com um certo savoir faire, preparou para os modernos tempos, a trabalhosa opereta de grande espetaculo que tão ruidoso successo obteve no theatro Avenida com a formosa Cinira Polonio e Elvira Mendes.

Bem marcada, linda musica, sob a habil batuta do inspirado musico Vasco de Macedo, bem pouco difere quando o publico a ouviu no Avenida.

Jorge Gentil, Arthur Rodrigues, José Victor, Raphaela Fons, Lucia e os demais do conjuncto que é harmonico e bem cuidado, salvam-se com agrado do publico e honestidade artistica.

Reservamos Magda Arruda, ladina, insinuante, viva e de relativos recursos vocaes. A sua escola,é pouco do nosso meio; não admira que raros apreciem as suas faculdades no entanto, sabe impôr-se e vai muito bem com grandes vantagens mesmo.

Fecharemos com a sr.ª Zulmira Miranda, aquella cantadeira do fado e nada mais é em theatro, embora, olhe para a platea com orgulho e ares de artista.

Não sabe declamar, inflexionar, não tem gesto,olhar parado, fria, sem alma, sem voz para opereta, não é actriz para aquelle papel.

Outro oficio.

A Viagem de Suzete, deve ter uma brilhante carreira tal é o luxo e riquesa da sua montagem.

João da Rua.

CARTAZ THEATRAL

NACIONAL — De dia para dia, augmenta o successo da linda farça— «D. PERPETUA QUE DEUS HAJA».

As enchentes, são a prova do successo do novo trabalho de Chagas Roquete.

A nova peça em 1 ato «A FREIRA DE BEJA», de Ruy Chianca, sobe em breve á scena.

TRINDADE — Quanto mais se ouve a revista de Schwalbach, mais se gosta do DIA DE JUIZO. Os proprios artistas, de dia para dia, primam no desempenho e, hoje em dia, ninguem ha a mil leguas da capital, que não tenha vindo á Trindade, dar um abraço ao Taveira emprezario.

GINASIO — Aos retardatarios, avisamos que vão muito adeantados os ensaios do PRIMO BAZILIO, comedia extraida do notavel livro do saudoso escriptor Eça de Queiroz. Quem ainda não viu a linda comedia — LA DONA É MOBILE, aproveite, porque não volta mais á scena.

EDEN — Visto o successo incomparavel da linda revista — «O DOMINÓ», cujas enchentes chegam a causar assombro, resolveu o distinto e popular actor Estevam Amarante, realisar a sua festa artistica com a famosa revista.

Parece, que para essa noite, se preparam grandiosas surpresas.

A festa, ainda se realisa este mez.

APOLLO — Alcançou um ruidoso successo a opereta — «VIAGEM DE SUZETE».

Com o deslumbrante scenario que a veste, os admiraveis finais d'áto; riquissimo e lindo guarda roupa, belo desempenho e deliciosa musica, de esperar é, que o «APOLLO» tenha enchentes sobre enchentes com a VIAGEM DE SUZETE.

COLISEU DOS RECREIOS — Temos os espectaculos da notavel companhia equestre que, vae dar em breve, logar á sensacional estreia da mais notavel companhia de opera lyrica, que nos ultimos annos tem vindo a Portugal. E' aproveitar, porque a optima e extraordinaria Companhia equestre, está a findar os seus trabalhos.

SALÃO FOZ — E' um nunca acabar de notabilidades artisticas, que a empreza apresenta no chic theatro de variedades hoje, o elegante salão que todas as noites é visitado pela mais notavel sociedade da capital.

O Salão Foz, é hoje o rendez-vous da arte e da gente elegante de Lisboa. Na terça-feira, novas estreis.

Soma e segue...

THEATRO MODERNO — A interessante companhia infantil, chama ali todas as noites, grande concorrencia. A petisada tem agradado extraordinariamente pelo seu valor e variado reportorio.

A empreza é digna do auxilio do publico.

Sem olhar a sacrificios, variando contantemente o seu reportorio, todas as peças são montadas com todos os requisitos.

D'entre os pequeninos artistas, notamos verdadeiras vocações.

VARIEDADES — Continua em pleno successo a opereta de costumes populares OS VARINOS.

Animatografos

Chiado Terrasse — A atual empreza, não descança em dar-nos as mais extraordinarias novidades do estrangeiro. O seu sexteto, unico no genero, continua a manter as suas tradições artisticas.

Olympia — O lindo cine da alta sociedade, é onde se exibem as mais sensacionaes novidades. Com os atrativos que apresenta, torna-o o mais querido dos animatografos.

Salão Central — Os successos, marcam-se pelas enchentes que são colossaes. Raro é o dia, que os cartazes, não indicam a estreia duma fita sensacional A musica classica que executa o seu sexteto, composto de notaveis artistas como João Passos, chama ali uma classe especial de publico.

Salão dos Anjos — Lá temos a linda — CANÇÃO DE PORTUGAL, um dos mais belos trabalhos de Arthur Arriegas e que tanto successo obteve no extinto Republica e Rua dos Condes.

Salão FOZ

Concertos,

Variedades

Cinematografo

O melhor e o mais chic salão de Lisboa

Sempre os melhores numeros de variedades

Todas as noites concerto pelo sextetto

Thomaz de Lima

de que faz parteem

João de Magalhães,

Nepomuceno Ramos,

Joaquim Boigas.

Filipe da Silva,

Xavier Roque

LA BILBAINITA

Princeza do rythmo, noiva da cadencia, a **Bilbainita** em quem a dansa, a musica, a expressão e as castanholas, que ella espiritualisou, compõem um todo perfeito, é bem, em nossos descompassados tempos, uma continuadora dêssas mythicas creações indianas. que viviam de dansar e para dansar, morrendo para a vida celeste se um dia envelheciam para a sua missão fascinadora.

Capital, 8-12-915)

MANUEL DE SOUSA PINTO.

Salão Foz